

Não há trabalho, nem explicações. Estes burocratas não gostam de visitas.

Não é fácil chegar ao “senadinho”. São três portarias, todas cheias de seguranças com muitas perguntas engatilhadas. A primeira é mais relaxada: “Com quem vai falar?”. Depois de se atravessar um jardim com árvores seculares, há a segunda portaria. A mesma pergunta é feita com um pouco mais de atenção e é exigido um documento para liberar um crachá de visitante. A terceira portaria já fica no Anexo Dois, nos fundos do Palácio, escondida no “senadinho”.

No velho Palácio do Itamaraty funciona também a representação da Presidência da República — num conjunto de salas idêntico ao que obriga o “senadinho” — comandada por um ex-coronel. É um recanto ainda mais sonolento que o da representação do

Senado, onde os funcionários têm ainda menos o que fazer. E há também uma representação do Ministério das Relações Exteriores, igualmente inoperante.

Com tantos órgãos e funcionários encostados, explica-se o veto ao fotógrafo para entrar. Segundo a diretora da representação do Itamaraty no Rio, Lúcia Maíra, fotos só podem ser feitas depois do envio de um ofício, anexado a uma cópia da reportagem. Se a matéria for de seu agrado, as fotos podem ser feitas.

Não se admitem nem fotos do belo pátio interno do Palácio. Nos fundos há mais uma área proibida para fotógrafos: a garagem. Lá estão, na sombra, 16 carros ofi-

ciais, entre Brasílias, Kombis, Opalas e Galaxis. Pelo menos cinco Opalas pertencem ao “senadinho”, segundo informou um motorista do Ministério das Relações Exteriores. Um pouco mais ao fundo alguns funcionários lavam e lubrificam carros particulares. “A gente sempre faz isso, é uma grana a mais que entra”, disse um deles, satisfeito com as gorjetas.

O Palácio fica na avenida Marechal Floriano, no Centro do Rio, próximo ao Café Bar Carris, um tradicional ponto do jogo do bicho, mas apesar de toda a beleza de sua construção, está reservado apenas aos funcionários ociosos de três órgãos federais.